

Marta Emisia Jacinto Barbosa. *Histórias em redes: imprensa e memória* (Instituto de História-UFU - docente)

Já há algum tempo, na pesquisa em história, professores e alunos têm intensificado o uso da *internet* como uma ferramenta importante no processo de investigação que inclui levantamentos de fontes, identificação de pesquisas realizadas, acessos a materiais digitalizados, comunicação entre pesquisadores. Enfim, desenha-se um quadro de interação com um universo que possibilita o diálogo com uma multiplicidade de linguagens que compõem o *ciberespaço*.

Nosso cotidiano marcado pela leitura de fichas que compunham os fichários dos centros de pesquisa, arquivos, bibliotecas, centros de documentação ainda permanece dividindo espaço com novas maneiras de acessar informações através do uso do computador. O ritmo de nossas atividades, paulatinamente, vai sendo alterado de acordo com as apropriações das técnicas de informação que nos permitem, muitas vezes, chegar mais rápido a certos nomes, trabalhos, documentos, tudo através do uso de palavras-chave.

Percebe-se existir uma modificação no universo da comunicação e de articulações possíveis que hoje se realizam numa velocidade mais acelerada que há alguns anos atrás. Mas é preciso considerar esta velocidade, este espaço de rede de comunicações dentro de um campo mais complexo: das infinitas conexões em rede que a *internet* possibilita.

Entre essas infinitas conexões, destaco o desenvolvimento de uma prática de fazer notícias que tem conquistado força e forma no campo da produção e difusão de informações que ultrapassa os limites dos meios em papel e tinta e percorrem sendo modificados, alterados por diferentes sujeitos que compõem tal processo.

Se, nas últimas décadas, os processos de constituição da comunicação têm sido transformados de maneira acelerada, pode-se considerar que também a trajetória de organização da materialidade da imprensa, seus sentidos e práticas indicam experiências que criaram novos espaços na trajetória de composição dos meios e linguagens. Para além dos jornalistas, outros sujeitos sociais, como os leitores, por exemplo, participam da feitura de textos e de sua circulação mais ampla.

Sujeitos que engendraram formas de inserção, atuação e intervenções na vida social, modificando hábitos de ler, criando modos de luta, reivindicações e desenham possibilidades de viver e compreender o dia-a-dia também pela ruptura de práticas, de opiniões e de verdades únicas recorrentes no universo da disseminação das notícias. Sob esse aspecto, é preciso pensar nas criações, invenções diversas que o espaço da *internet* proporciona como parte constitutiva

desse campo de força que é a imprensa no presente, em seu caráter multifacetado, dentro de uma outra dinâmica que desconstrói linearidade de textos e opiniões que circulam como arautos da imparcialidade, da isenção a serviço da verdade dos fatos.

Esse novo momento nos impõe pensar na relação entre os significados da multiplicação de leitores-produtores-redatores e editores de informação e debate e processo de democratização com o desenvolvimento de outras mídias. Impõe pensar no processo que constituiu leitores em redatores que montam circuitos de acesso, comunidades de debates, formando cadeias de comunicação e instituindo movimentos de força e voz na sociedade contemporânea.

Da fase datilográfica à configuração das relações no mundo digital, muitas intersecções foram construídas. Os sujeitos usuários das antigas máquinas de datilografar precisaram se reinventar, foi preciso entender a organização desse espaço possível para o tipo de narração que passou a povoar as páginas da *web*. Formas de escrever, de manter o diálogo entre comunidades, criar movimentos, tudo isso interagindo num sistema denominado *on line*. Isso me faz lembrar uma reflexão interessante de Vaneska Costa, quando afirma que

Com a internet o campo das interações virtuais foi ampliado, de modo que permite interagir individualmente ou em grupo, com pessoas conhecidas e desconhecidas, geograficamente próximas ou distantes. (...) [E que ainda]... A internet emerge, portanto, não apenas como meio de comunicação, mas como precursor de novos comportamentos e atitudes, quando o computador e informática deixam de ser meras e exclusivas ferramentas de programadores que processam o banco de dados das grandes empresas¹.

A discussão proposta pela pesquisadora chama a atenção para o desenho de uma geografia da comunicação e de relações entre diferentes sujeitos que se fazem e se constituem socialmente pelo debate de temas, trocas de informações, formação de opiniões, estabelecimento de conflitos, onde se difunde, como sugere a autora, “novos comportamentos e atitudes”. Não se trata de uma mera ação mecânica entre máquina e manipulador da máquina, mas é preciso pensar sobre os significados dessa experiência social que se forja nesses novos campos de produção e articulação de idéias.

É preciso pensar a esse respeito no campo da história social, em que seja possível articular história, comunicação, cultura e memória, indicando este foco como perspectiva de desvendamento de experiências sociais em disputa pela diversidade de histórias e memórias. Desafios que se colocam para indagarmos os sentidos políticos das transformações dessa experiência de produção de notícias, que faz confluir grupos de debates, investigações a respeito

¹ Ver COSTA, Vaneska. *Conexões on line: uma avaliação das relações sociais construídas na rede*. Monografia (Graduação em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008, p. 20 e 23.

de sujeitos e assuntos disseminados entre diferentes escrituras e escritores. Sob este aspecto, é válida para nós a reflexão de Sarlo sobre o olhar político, porque sinaliza para estratégias de leitura e reflexão da sociedade quando destaca a necessidade de pôr em foco as dissidências, pensar as diferenças enquanto qualidades alternativas frente a formas enrijecidas, desvendar fissuras e rupturas como expressão da possibilidade de mudanças².

A movimentação de uma infinidade de *blogs* enquanto espaço de produção e difusão de notícias pode ser pensado como espaços de dissidências? A constituição de interfaces entre os diferentes *blogs* e experiências de vida promoveu e ampliou uma esfera de escritores e escrituras que penetram cotidianamente na vida das pessoas, da família, do bairro, da escola e, de alguma maneira, organiza estratégias de informação que, muitas vezes, podem subverter os sentidos impostos pelo telejornal, pelo jornais e revistas. Um circuito criado que oferece uma multiplicidade de linguagens e saberes cuja dinâmica expõe sempre novos *blogs*, citados nos sumários de diferentes escritores e que frequentemente trocam idéias construindo uma espécie de índice remissivo das questões em debate em que os futuros leitores podem intervir e dos quais fazer parte, montando seu próprio espaço, compartilhando outros, de tal maneira que se abre um horizonte para expor vozes dissidentes a respeito das questões do cotidiano, da política, da vida social como um todo.

Para além da televisão, dos jornais e revistas impressos, é possível pensar em outros formatos de noticiários. Jornalistas construíram seus espaços na *internet* onde divulgam seu trabalho de investigação jornalística. Cidadãos comuns entraram nesse circuito e compuseram páginas que dialogam com os jornalistas e também compõem outros públicos. Sob este aspecto, seria importante indagar a respeito da necessidade de discutirmos a noção de leitor e público para esta realidade que se desenha.

Sobre a discussão que os *blogs* provocam, é importante assinalar a reflexão de Magda Rodrigues da Cunha quando destaca a presença e sentido dos *blogs* no debate sobre mídias. Afirmar a autora:

Os blogs são uma forma que complementa a produção de informações. Todavia, levarão a uma reinvenção dos modelos midiáticos convencionais, numa convivência em alguns momentos harmoniosa e em outros competitiva. Isto especialmente pela exacerbada

² Ver SARLO, Beatriz. Um olhar político. In: _____. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 1997.

*individualização por intermédio da qual se produz muita informação na internet. Os meios tradicionais precisarão se reinventar-se para esta convivência*³.

Partindo desta reflexão, percebe-se a necessidade de pôr em evidência a relação entre cultura e mídia como elementos constitutivos da experiência social contemporânea. Mas colocá-los em que termos? Talvez, das dissidências que tal movimentação tem provocado na formação de opiniões divergentes que têm sido forjadas nos micro-espços da *internet*. Sob tal fato é interessante destacar a idéia desenvolvida por Cunha quando compreende os *blogs* como elaboração de pontos de vista, afirmando existir uma “audiência interessada em manifestar suas opiniões”. Ora, se esses espaços também produzem informações, como pensar na reinvenção dos modelos midiáticos para o enfrentamento de novas realidades de comunicação que estão surgindo? Em que medida esses espaços podem ser tratados como campos alternativos de produção de notícias?

No segundo semestre do ano de 2007, foi criado oficialmente um movimento intitulado MSM – Movimento dos Sem Mídia. Em seu documento de criação, vê-se em destaque aquilo que parece ser a configuração das preocupações que resultaram no MSM, ou seja, a defesa e incentivo de uma mídia livre, plural, ética e responsável⁴. O que nos permite pensar sobre o que significa a criação desses espaços alternativos à grande imprensa, tanto o deste movimento como de outros que não se declararam movimento, mas que compõem uma rede contra consensos na produção para além dos fatos, no fazer de memórias. A reivindicação de uma mídia livre e plural supõe a necessidade de discutirmos a relação entre mídia e democracia no Brasil. Quem seriam os “sem-mídia”? Quais são suas reivindicações? O que essa experiência modifica no cotidiano? Como pensar a relação entre tais espaços e o confronto com grandes grupos de comunicação?

Confrontando-se com a perspectiva de consenso em que a mídia no Brasil investe, o movimento tem construído intervenções em diferentes espaços, acompanhando e debatendo o comportamento dos órgãos de imprensa, especialmente aqueles caracterizados como de grande imprensa e que formam os grupos empresariais de comunicação no Brasil. Discutindo suas posturas jornalísticas, apresentando possibilidades de leituras fora do consenso anunciado pelos grandes veículos, participando e fazendo o leitor interagir com outros campos de debates, o movimento tem conseguido uma expansão que merece nossa atenção juntamente com o conjunto formado por outros *blogs*.

³ Ver CUNHA, Magda Rodrigues da. *Blogs: a remediação das mídias que permite à audiência publicar. Dialogos pela comunicação*, Lima, jan.-jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.dialogosfelafacs.net/76/articulos/pdf/76/magdarodrigues.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2008.

⁴ Ver <<http://eduardoguimaraes.blug.ig.com.br>>.

Mesmo nas mais diferentes composições de *blogs*, pode-se observar, como parte do conjunto de textos, seções destinadas a comentários de leitores que se integram às páginas do debate, propondo críticas, qualificando temas, desqualificando o debate, incluindo informações inexistentes, posicionando-se frente às questões, enfim, dando continuidade aos temas. A depender do assunto, tal dinâmica pode gerar centenas de comentários em minutos que podem desdobrar o noticiário para outros dias, de tal forma que, mesmo atentos ao noticiário pautado pela grande imprensa, esses espaços não invertem apenas a interpretação, mas sugerem também uma pauta de discussão.

Evidentemente que estamos falando de um espaço amplo e diverso ao mesmo tempo. Muitas sintonias existem, assim como muitas divergências foram se configurando entre os diferentes autores redatores. Nesse sentido, é necessário investigar as diferenças e as desiguais atuações de escritores e escrituras nesse meio, tanto quanto identificar, caracterizar os grupos de poder que atuam nessa esfera e as vozes dissonantes, e entendê-los no confronto.

Diferentes temas são tratados nesses espaços, mas, de todos eles, o que nos interessa indicar, nesse momento, é a discussão que emerge entre internautas: que jornalismo queremos? Discussão seguida de amplas críticas ao modelo de jornalismo que cotidianamente nos bombardeia, seja na televisão ou por meio impresso.

A idéia posta aqui é a de pensarmos como é possível considerar essas formas de comunicação em rede enquanto campo de força e luta. Para tanto, é preciso entender o processo pelo qual a materialidade desse meio se forja, entender a incorporação das muitas linguagens e suas redefinições para o formato proposto.

No campo da história social, temos insistido na compreensão da imprensa como prática social. Aqui, novamente, volto a insistir nesta idéia como elemento articulador da experiência investigativa com a imprensa e, por conseguinte, com um tipo de produção que tem feito parte de nosso cotidiano de leitura e que atravessa linearidades, consensos que povoam os grandes noticiários. Tal insistência implicaria em pensar não só nas evoluções técnicas que propiciaram a existência e multiplicação das redes, mas, sobretudo, indagar historicamente o que tem significado para os diferentes grupos a constituição desses espaços enquanto espaços de poder, de disputa de memórias, de campos de luta.

Assim como merece nossa investigação a questão da produção de memórias nesse momento. Nos micros espaços da *internet*, o que temos é a construção das notícias e sua respectiva análise e debate. Ação que subverte o sentido e a prática de consenso no qual um certo tipo de imprensa tem insistido em investir. Nesse sentido, como pensar nesses embates

como campo em que o historiador pode discutir a produção de outras memórias e linguagens? Como pensar a memória sendo forjada nesse espaço de disputa, considerando sua singularidade?

Existe, configurando-se no Brasil, uma complexa experiência de composição de forças que também passa pelas redes da *internet*. Conexões que reúnem espaços geográficos distantes; imagens capturadas via celular que acabam em algum lugar da rede e promovem discussões, tensões; imagens gravadas e censuradas ou selecionadas por certos grupos que ganham divulgação *on line* e permitem desconstruir versões que se querem oficiais. Sujeitos que dialogam, desenvolvendo uma escritura permeada por símbolos, características peculiares, e que se fazem ler e ouvir entre as mais diferentes comunidades, promovendo adesões ou divergências. É sobre esse universo formado por relações sociais complexas que penso que os historiadores preocupados em discutir a imprensa precisam se voltar no presente, não para enaltecer, mas para compreender o que essas transformações significam para esse momento vivido.